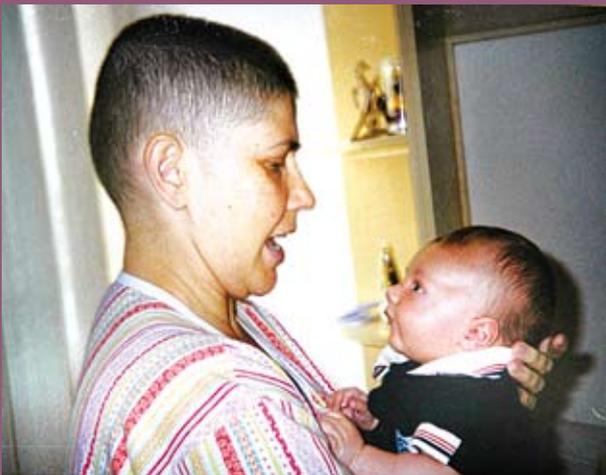


# personagem

MÃE DÁ LIÇÃO DE PERSEVERANÇA E GARRA AO VENCER O CÂNCER

## Um exemplo de superação



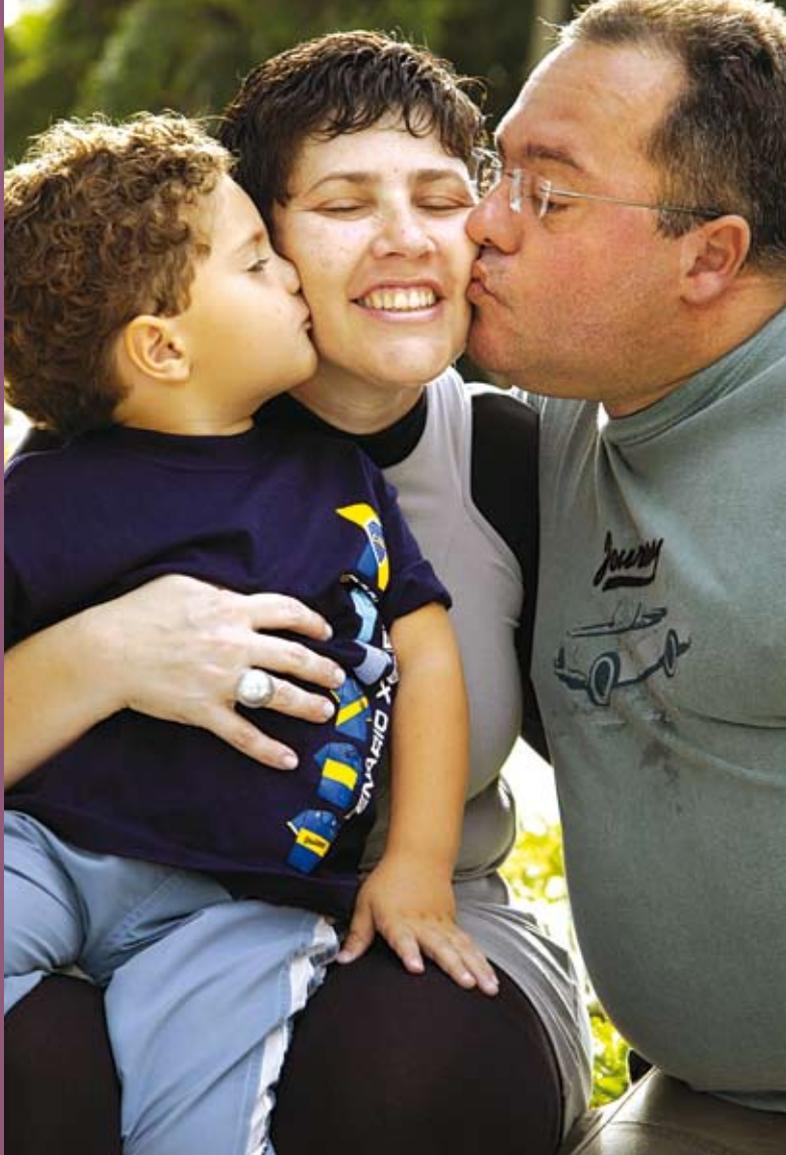
Márcia Cristina exhibe seu maior troféu: o filho Artur.

Quem hoje vê a alegria de Márcia Cristina de Abreu Lima brincando com o filho Artur, uma criança forte e saudável aos três anos, não imagina o drama que viveu ao lado de sua família, mas que, ela mesma garante, foi superado sem jamais perder a alegria de viver e o alto astral. Quando ainda estava no terceiro mês de gestação, essa funcionária pública recebeu uma notícia arrasadora, que marcaria sua vida para sempre: o diagnóstico do câncer de mama. Com seu jeito alegre e extrovertido, meio 'maluco de ser', como

ela mesma se define, transformou o choque do diagnóstico numa exemplar história de força de vontade e amor à vida. Hoje, aos 37 anos, a personagem de nossa edição não se cansa de comemorar e exibir com orgulho seu maior troféu: Artur.

Essa história teve início ainda em 2002, quando Márcia fez os primeiros exames, ao constatar uma secreção no mamilo direito, conhecida como descarga bapilar. Na época, sua ginecologista solicitou exame do material, cujo resultado não permitiu o diagnóstico, e sugeriu uma cirurgia nos ductos marmários. Assustada e insegura, a então funcionária do Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia (INTO) buscou a opinião de outros médicos do seu convívio, que a aconselharam a investigar o caso no Instituto Nacional de Câncer (INCA), antes de tomar qualquer decisão. Mas, logo em sua primeira avaliação com um mastologista do Instituto, foi descartada a necessidade de operação. "Era tudo o que uma paciente medrosa gostaria de ouvir", conta.

Em agosto de 2003, realizou o exame de corebiópsia (retirada de fragmentos suspeitos através de uma agulha grossa, sob anestesia local), que imediatamente exigia uma biópsia aberta, realizada após ato cirúrgico, para avaliar o tipo do tumor. Em meio a esse clima de suspeita e receio, Márcia descobriu a gravidez, em 29 de dezembro. Em fevereiro de 2004, grávida de três meses, foi submetida à biópsia cirúrgica. Logo, os resultados de novos testes (microscopia histopatológica) confirmaram o que ela mais temia: o câncer de mama. "Nessa hora, o chão abre. É um



Fotos: Duda Van

## “Desde o início, eu me senti carregada no colo do INCA”

momento muito desesperador e confuso. Costumo dizer que o diagnóstico de câncer chega como um atestado de óbito sem data”, lembra.

Foi então que começou a luta vitoriosa contra a doença que, ela garante, só foi superada graças, primeiramente, a Deus, ao seu bom humor, ao apoio incondicional da família, dos amigos e de toda a equipe multidisciplinar do INCA envolvida. “Me senti carregada no colo!”, descreve. No início, a família também se abalou, mas não deixou, em momento algum, lhe faltar apoio e boas energias. Naquele momento, Márcia enfrentou seu maior dilema. O caso estava nas mãos

do mastologista Luiz Antônio Silveira, do INCA, que lhe apresentou as duas opções existentes na literatura médica: a mastectomia completa ou a interrupção da gravidez. Retirar o tumor e preservar a mama seria impossível, porque submetê-la à radioterapia provocaria sério risco de seqüelas ao bebê.

Para ela, as opções eram chocantes: a mama, por concentrar todo o simbolismo e a carga psicológica, associada à feminilidade e à sensualidade; a criança, por concentrar toda a carga moral, associada aos seus valores familiares e éticos. Ali, decidiu pesquisar mais e pedir a opinião de outros médicos e profissionais do Instituto. Seu drama foi decidido numa mesa-redonda, em que diversos profissionais do INCA avaliaram e opinaram sobre qual seria a melhor opção para seu caso. “Naquele momento assustador, confiei minha vida a profissionais competentíssimos, que tomaram a melhor decisão. Se eles optaram pela continuidade da gravidez, havia dados técnicos e experiência suficiente para apostar nisso. A mim, restava acreditar e lutar”, afirma.

Em 29 de março de 2004, foi realizada a mastectomia total. Assim que recebeu alta hospitalar, Márcia participou de um ciclo de palestras oferecido no Hospital do Câncer III (HCIII), em Vila Isabel, zona norte do Rio, onde recebeu orientações da equipe multidisciplinar envolvida no tratamento com: mastologista, enfermeiro, assistente social, psicólogo, nutricionista, fisioterapeuta e oncologista. As palestras abordavam desde os cuidados básicos, como a assepsia e curativos, até a orientação psicológica. Esse trabalho, conduzido pela assistente social Lúcia Brigagão, foi essencial para deixá-la menos apreensiva com o início do tratamento. “O trabalho deles é fantástico! Mais que um acolhimento por toda equipe, há uma postura de dedicação e abnegação das pessoas que estão ali, que é comovente e estimulante. Há um ideal. A gente já sai dali com outra disposição”.

Após o procedimento cirúrgico, foi encaminhada à Oncologia Clínica, para que fosse definida a melhor conduta terapêutica. O médico responsável pelo caso era Luiz Guilherme Pinheiro Branco, que, segundo Márcia, é o seu “guru”. Dois anos depois, ainda testemunhou o mesmo acolhimento e a abordagem cuidadosa para o tratamento de sua mãe, Lúcia de Abreu Lima, também já curada.

Do tratamento, Márcia Cristina destaca três momentos ruins e muito marcantes: o diagnóstico, a queda do cabelo com a quimioterapia e a depressão pós-quimioterapia, uma reação comum de prostração. “Logo que meu cabelo começou a cair, fiquei muito chocada, porque o cabelo soltava-se quando

recostava em algum lugar ou trocava de roupa. É uma sensação estranha, como se estivesse apodrecendo”. Foi quando decidiu raspar a cabeça, mas se recusou a usar peruca. “Sou muito autêntica, não dava nem para me imaginar ajeitando ou correndo atrás da peruca com uma rajada de vento”, brinca.

Sempre dois ou três dias após a quimioterapia, iniciava sua batalha contra a depressão. Para Márcia, o que mais a angustiava era a sensação de impotência, quando queria lutar contra aquela prostração e seu corpo não reagia. Nesses períodos de medo e depressão, o que fazia a diferença era o excesso de carinho, de compreensão e de total apoio da família e dos amigos, especialmente do marido, o comerciante Carlos César Silva, de 42 anos, que, segundo ela, foi incansável na disposição para combater aquela ansiedade. “Tive medo, sim, passei por momentos muito difíceis, mas, quando eu achava que esmoreceria, o César me ocupava com as coisas simples que eu mais gostava de fazer, como passear no shopping, ir a restaurantes ou a uma loja de decoração e utensílios para a casa”.

Márcia recorda ainda que participou de todo tipo de cerimônias e rituais religiosos. Para onde a convidavam, lá estava ela para receber bênçãos e orações. Não se achava no direito de recusar qualquer indício de ajuda, boa-vontade ou energia positiva de seus amigos ou pessoas que se sensibilizavam com sua história. Naquele tempo, ela admite não saber se o tratamento e a gravidez vingariam. “Só comecei a acreditar e a curtir a gravidez após o sexto mês de gestação”. Em 27 de julho de 2004, encerrou o último ciclo da quimioterapia, até que, em 20 de agosto, nasceu seu primeiro filho, Artur de Abreu Lima Silva.

Depois que o Artur nasceu, mãe, sogra e uma prima promoveram festas de aniversário a cada mês, tamanha a emoção e a euforia contidas até essa superação. “Eu me sentia até constrangida, porque era uma festa temática diferente todo dia 20 de cada mês, até que o Artur completasse o primeiro ano. Para você ter uma idéia, só no chá de bebê, havia mais de 200 pessoas, que lotaram minha casa e a área de lazer do meu condomínio. Uma loucura!”. Márcia deu continuidade ao tratamento com droga injetável por mais três anos, até encerrar-se em março deste ano. Agora que seu filho já está mais independente, ela pretende iniciar o processo da reconstrução mamária.

Hoje, Márcia trabalha como organizadora de eventos institucionais (*coffee breaks e brunchs*), talento despertado em seu período de afastamento das atividades profissionais. Quando perguntada sobre o que mudou na Márcia após todo o drama, ela é enfática: “Continuo



“Sou a ‘despeitada’ mais feliz na face da Terra”

a mesma pessoa alegre, divertida e, segundo meus amigos, maluca. Acho que só aumentou minha disposição pra fazer o bem e ajudar os outros. De fato, só mudei algumas rotinas, devido ao esvaziamento axilar e a uma limitação funcional do braço direito”, conta. E aconselha: “A vida tem sempre o lado bom e o lado ruim; cabe a nós aproveitarmos mais o lado bom, pra não nos perdermos com as coisas chatas. Se pensarmos positivamente, com vontade de seguir em frente e viver, as coisas acabam dando certo. Jamais deixei de sair, divertir e acreditar. Fui madrinha de casamento, grávida de oito meses e absolutamente careca”. ■